

REENCONTROS NO CONTINENTE AFRICANO

Patrícia Carvalho

Preâmbulo. Esta comunicação objetiva relatar as experiências associadas à bibliodiáspora e ao turismo na África do Sul em dezembro/janeiro de 2016. Importa salientar que o continente africano desde a adolescência me chamou a atenção pela diversidade cultural, riqueza biológica, beleza paisagística e necessidade de assistência na área social (saúde, educação). Ao entrar para a universidade, os estudos da evolução das espécies (os sítios arqueológicos e paleontológicos) da fitogeografia, da sociobiologia e da etologia, mais uma vez, me convidaram a estudar o continente africano.

Os viajantes e naturalistas europeus que cruzavam os oceanos e relatavam tão pormenorizadamente a flora, a fauna, os hábitos e aspectos culturais da sociedade e as paisagens conquistaram-me, e o continente africano destacava-se pela imensidão e complexidade.

A savana africana instigou botânicos, zoólogos, espeleólogos e geógrafos ao longo dos séculos, as descrições dos naturalistas e estudiosos alimentaram e fomentaram no Brasil a Fitogeografia e a Fitoecologia do bioma do Cerrado, considerado a savana brasileira.

O Cerrado brasileiro foi o palco das minhas primeiras incursões de lazer na infância e juventude, registros profissionais e ao mesmo tempo, o objeto de estudo do mestrado. A minha vinculação com a paisagem da savana é profissional, científica e sobretudo afetiva. As fâcies da paisagem da savana africana assemelham-se às fâcies do cerrado, a diversidade paisagística e ecológica configuram um imbricado sistema ecológico, social, cultural e econômico. Assim latente, sempre estive o desejo de conhecer o continente africano.

A África entrou no meu radar da interassistência ainda na juventude, a partir do desejo de realizar trabalho voluntário e de experienciar diferentes realidades e ampliar a visão de mundo. Quando a possibilidade da atuação no continente africano surge no ambiente da Conscienciologia reforçasse o vínculo e o desejo. Assim, participar da bibliodiáspora e realizar uma viagem de reconhecimento estava entre as metas de curto prazo. Portanto, em junho de 2015 a viagem começava a ser planejada com o apoio de uma amiga querida que também tinha a bibliodiáspora como objetivo.

A partir de agora, passo a relatar as fases preparatória, executiva e posterior à viagem. Serão pontuados aspectos que possam auxiliar outros colegas na estruturação do labcon (laboratório consciencial) de intercâmbio e, simultaneamente, a descrição de algumas vivências como estímulo para que mais pesquisadores avaliem a conexão pessoal com experiências cosmopolitas e com o continente africano.

Preparação. De julho a dezembro de 2015, ocorreu a fase preparatória da viagem, neste período a conexão com o continente africano tornava-se mais forte a cada dia. Desde lembranças de infância, eventos profissionais os quais me permitiram encontrar com sul-africanos, o “encontro” de um livro, o qual me acompanharia em toda a viagem e utilizado como instrumento de higiene mental e para mudança do padrão holopensênico – *Luzes da África* de Haroldo Costa. Resgatei lembranças de Portugal, da época em que trabalhei com angolanos e moçambicanos; relembrei o livro que me estimulou aos 15 anos a voluntariar na África; reconectei biólogos africanos com quem estudei na Suécia na década de 90 e de forma interessante, familiares e amigos, enviavam-me matérias da África sem ainda saberem que eu viajaria.

A tenepes passou por mudanças, o padrão da assistência, a demanda energética intensificada que exigia mais horas de sono e uma alimentação mais organizada. Lembrei-me de vivências similares quando do primeiro ano de tenepes em Portugal, padrões de alta entropia e de desorganização holossomática das consciências que demandavam uma assistência mais especializada, assim, a equipe extrafísica estava diferente.

Eu e minha companheira de viagem encontrávamo-nos todas as semanas para organizar passagens, hotéis, passeios, intercambiar vivências, e ampliar o *rapport* com a equipe da Intercons.

Nesta fase, ler detalhadamente o *check list* do Intercambista na África do Sul e ir pontuando as tarefas executadas e por executar foi muito importante para estruturar a viagem e o labcon. Senti necessidade de estabelecer procedimentos de segurança do experimento, pois muitas vezes uma sensação de medo invadia-me e pensamentos associados à violência, estupro, sequestro, assalto eram recorrentes.

Participar do *Acoplamentarium* com temática da África foi fundamental para aprender a lidar com e entender esse padrão de medo. Reforcei a conexão com a equipe do trabalho e, ao mesmo tempo, tive vivências correlatas ao que encontraria na África do Sul e compreendi que tinha as condições mínimas necessárias para assumir a tarefa, o que me deu proporcionou maior convicção íntima do objetivo e instrumental para lidar com as intrusões pensênicas frequentes. Associado a isso, falar sobre os medos, inseguranças e convicções com a companheira de viagem dava mais força ao trabalho de toda a equipe.

A manutenção de um horário de estudo das universidades e passeios que iríamos realizar, além da leitura sobre a sociedade africana foram importantes para mergulhar no experimento e no holopensene do continente.

Com o planejamento antecipado da viagem, tive condições de fazer um *check up* completo de saúde e ajustar pequenas disfunções somáticas. Paralelamente, preparei o grupocarma para assumir tarefas que vinham sendo desempenhadas por mim e organizei auxiliares em terra para cuidar da casa, pois ficaria fora por um período longo.

Dos aspectos preparatórios listados no *check list*, reforçaria a importância de levar os medicamentos associados às potenciais ocorrências (distúrbios alimentares, torções, dores de cabeça, alergias, gripes, infecções de gargantas, sinusites). E ter atenção ao volume da mala, pois acomodar os livros exige cuidado e boa organização dos pertences.

Além disso, preparar instrumental para técnicas de desassédio e higiene mental, pois o padrão holopensênico associado às demandas energéticas e alterações somáticas pode comprometer a lucidez e o bem-estar.

Experimentação. A viagem transcorreu sem incidentes desde Foz do Iguaçu até Johannesburgo. Ao chegar, fomos recepcionadas pela equipe da Intercons, o que gerou um sentimento de acolhimento e segurança. Estávamos cansadas e defasadas de sono, era necessário dormir e arrumar o ambiente do hotel. Um sentimento de felicidade me envolveu desde o momento quando vi do avião a savana africana, a grande planície, o sentimento de retorno à casa era estranhamente intenso.

Vale ressaltar os aspectos associados ao hotel, a localização é muito importante em termos de segurança e de economia de deslocamento. Escolhemos ficar no Rosebank Court Yard, localizado em Rosebank e com acesso ao Gautrain. Escolhemos um hotel com apartamento que permitiria a realização da tenepes e o trabalho da outra colega no ambiente da sala de estar com minicozinha. Por questão de segurança, escolhemos hotéis em que os apartamentos não tinham varanda.

A partir de agora passo a descrever aspectos observados durante a viagem em temas específicos:

- *Aspectos Sociais e Culturais.* Os africanos são receptivos, simpáticos e acolhedores, geralmente, ao abordar a minha origem brasileira, um sorriso amplo conduzia a comunicação. Pude perceber um padrão de busca de saúde e bem-estar, na alimentação, cuidados com o corpo e lazer. A música e a moda são coloridas divertidas, bem humoradas. A gastronomia é diversa e com muito tempero, mas pode-se encontrar pratos da culinária internacional tanto em Johannesburgo quanto na Cidade do Cabo.

O lazer geralmente envolve passar o tempo livre em áreas verdes, parques, praias, jardins. Existe uma preocupação com o paisagismo das cidades e o “verde” em meio ao concreto.

As livrarias e bibliotecas estão sempre movimentadas e no trem e ônibus é comum observar alguém com um livro nas mãos. O inglês é a língua base de comunicação com os estrangeiros e cerca de 12 línguas africanas são faladas entre eles; na África do Sul e Namíbia, há o predomínio do africâner ou afrikaans, língua do ramo germânico do grupo indo-europeu, desenvolvida durante o período em que a Holanda colonizou uma parte da África, o que levou ao desenvolvimento do “Africâner”, que é baseado no Neerlandês/Holandês.

Em termos culturais, o xamanismo está presente e casas que fazem os chamados “trabalhos” e vendem velas, ervas, essências, etc. podem ser encontradas pela cidade. A religião muçulmana é bem presente na África do Sul (norte), o islamismo, o cristianismo, e o sincretismo religioso com as crenças indígenas ocorre. Observar mulheres de burca é comum.

O apartheid marcou uma geração, os sociólogos atribuem parte da condição social e política da África do Sul a este regime que privou uma geração de ter acesso à educação, saúde e cidadania.

O índice de desemprego, e emprego informal é cerca de 50% da população ativa, o que gera alto índice de violência, nos subúrbios e centro da cidade. As favelas têm dimensões impressionantes e são de zinco, lata, papelão e plástico.

Nas cidades visitadas, existem museus de história natural que com exceção do museu da Universidade de Wits apresentam-se comprometidos pela falta de manutenção do acervo e instalações. Mas são lugares visitados pela população e por turistas, ainda, com extrema qualidade de acervo e exposição.

- *Aspectos de Infraestrutura Urbana.* As cidades visitadas, Johannesburgo, Pretória e Cidade do Cabo têm amplas ruas, sistema de transporte urbano integrado ao trem, integração entre linhas. O sistema do city seeing é muito bem organizado e permite conhecer bem as cidades. O trânsito é de mão inglesa, o que para nós exige atenção ao atravessar as ruas.

A limpeza urbana é eficiente, contudo, não existem sistemas de coleta seletiva e poucas lixeiras coletoras são observadas nas ruas e espaços públicos. Em Johannesburgo, existe uma luta da comunidade pela melhoria do sistema de tratamento dos resíduos que são acondicionados em um aterro controlado, além disso os catadores de lixo, apesar de organizados em associações, não estão integrados adequadamente ao sistema de gestão de resíduos sólidos.

A arquitetura é marcada pelo estilo europeu, inglês, germânico e holandês (os edifícios, praças e monumentos). De forma geral, a sensação é de estar num país europeu pelo nível de organização da cidade, estrutura dos supermercados e shoppings e qualidade no atendimento.

A ausência de adequado sistema abastecimento e esgotamento sanitário pôde ser observado nos bairros periféricos e nas favelas, o esgoto corre ao céu aberto em valas e existem torneiras comunitárias, um exemplo pode ser observado no caminho do aeroporto para o centro da cidade na Cidade do Cabo.

O governo tem investido em programas sociais de habitação popular a partir de financiamentos externos, contudo a velocidade de crescimento da população é maior que o esforço em melhorar as condições de vida da população. A falta de saneamento básico e energia elétrica no interior e áreas rurais é significativa. Em alguns documentários, deparei-me com a cegueira de crianças e adolescentes que perdem a visão por terem de estudar à luz de velas, o calor da chama da vela compromete a visão paulatinamente.

- *Aspectos Ambientais.* A paisagem natural das cidades visitadas é de extrema beleza, as praias, maciços rochosos, cadeia de montanhas, parques, praças e jardins remetem a uma ocupação europeia. Contudo, não se observou a manutenção plena dos espaços públicos. O Jardim Botânico de Kirstenborsch é de beleza estética e paisagística incomensurável e o visitante poderia passar dias a visitar os recantos e realizar as trilhas.

Existe uma trilha suspensa no dossel das árvores, linda e prazerosa de se percorrer. A cultura europeia, mais uma vez, se manifesta na interpretação ambiental dos espaços com viés estético e educacional. Em termos ambientais, a poluição urbana/atmosférica pelos veículos automotores e pelo uso do carvão vegetal e termoelétricas é significativa, além da queima de lixo a céu aberto.

Atualmente, o governo esforça-se para instalar a geração solar de energia nas áreas rurais, pois a África tem como matriz energética as termoelétricas, altamente poluidoras. Do avião, tive a oportunidade de observar *pivots* centrais de irrigação maiores comparados aos que ocupam o centro-oeste

do Brasil, a imagem é impressionante. Esse tipo de produção agrícola usa agrotóxico e água em grande escala, muitas vezes lançando mão de poços de alta profundidade.

- *Aspectos Econômicos.* A economia da África do Sul está centrada na mineração do ouro e extração de diamantes, além de outros minerais e metais. A base agrícola é forte e centrada na produção do milho. O setor de turismo tem sido estimulado e recebido aporte internacional em termos de qualificação. De forma geral, pelos noticiários e jornais verifiquei um esforço grande de conexão econômica intracontinente e alguns países estão recebendo apoio internacional dos chineses e europeus para avançar com a industrialização e melhorar a infraestrutura.

Etapa Posterior ao Experimento. O retorno ao Brasil se deu de forma tranquila, uma viagem sem incidentes. O sentimento ao deixar a África do Sul foi de tristeza, fui mobilizada por esse sentimento e passei horas em silêncio buscando me reorganizar sob o ponto de vista emocional e afetivo. Ao chegar em Foz do Iguaçu, durante alguns dias passei pela sensação de me sentir fora do ar, um certo estranhamento me envolvia, apesar da acolhida carinhosa de familiares e amigos.

O retorno à rotina de trabalho se deu de forma imediata, contribuindo para eu superar a sensação de estranhamento presente nos primeiros dias. Mantive a conexão com a África a partir dos “regalos” que trouxe, pessoais e para a casa, além da leitura de livros e revistas comprados durante a viagem. A organização das fotos e dos registros realizados durante o experimento auxiliaram-me a analisar as vivências e reorganizar os pensamentos e emoções.

Observações e análises holossomáticas e extrafísicas. Passo a relatar as vivências e percepções bioenergéticas, fruto do laboratório intraconsciençial.

- *Aspectos associados à energia imanente.* Rica e diversa em paisagens naturais a África do Sul é excelente laboratório para a prática bioenergética.

- ✓ **Aeroenergia.** Na Cidade do Cabo, a intensidade dos ventos e o contraste mar e montanha cria correntes atmosféricas incessantes. Em *Camps Bay* e na *Table Mountain*, os fortes ventos causam deslocamento do soma e forte expansão das energias, a vivência da descoincidência vígil pode ocorrer, além de estados vibracionais espontâneos.

- ✓ **Fitoenergia.** A preocupação com o paisagismo em áreas urbanas e a vegetação natural nas áreas conservadas cria ambiente propício para o acoplamento com árvores. No Jardim Botânico de Kirstenbosch, pude vivenciar acoplamentos intensos com árvores centenárias e que me causaram a inquietude investigativa, pois a percepção da fitoectoplasmia foi diferente de tudo que já havia vivido, assim, será necessário repetir mais experimentos para destrinchar as parapercepções.

- ✓ **Hidroenergia.** As águas límpidas das praias e a beleza paisagística convidam a entrar na água e a interagir com a hidroenergia. Ver a infinitude do oceano causa impacto e reflexão, a insignificância do ser humano se faz presente.

- ✓ **Geoenergia.** Na *Table Mountain* e em *Kirstenbosch*, a ativação dos chacras plantares e o fluxo vertical de energia ocorreram espontaneamente mais de uma vez, acompanhado de estados vibracionais intensos.

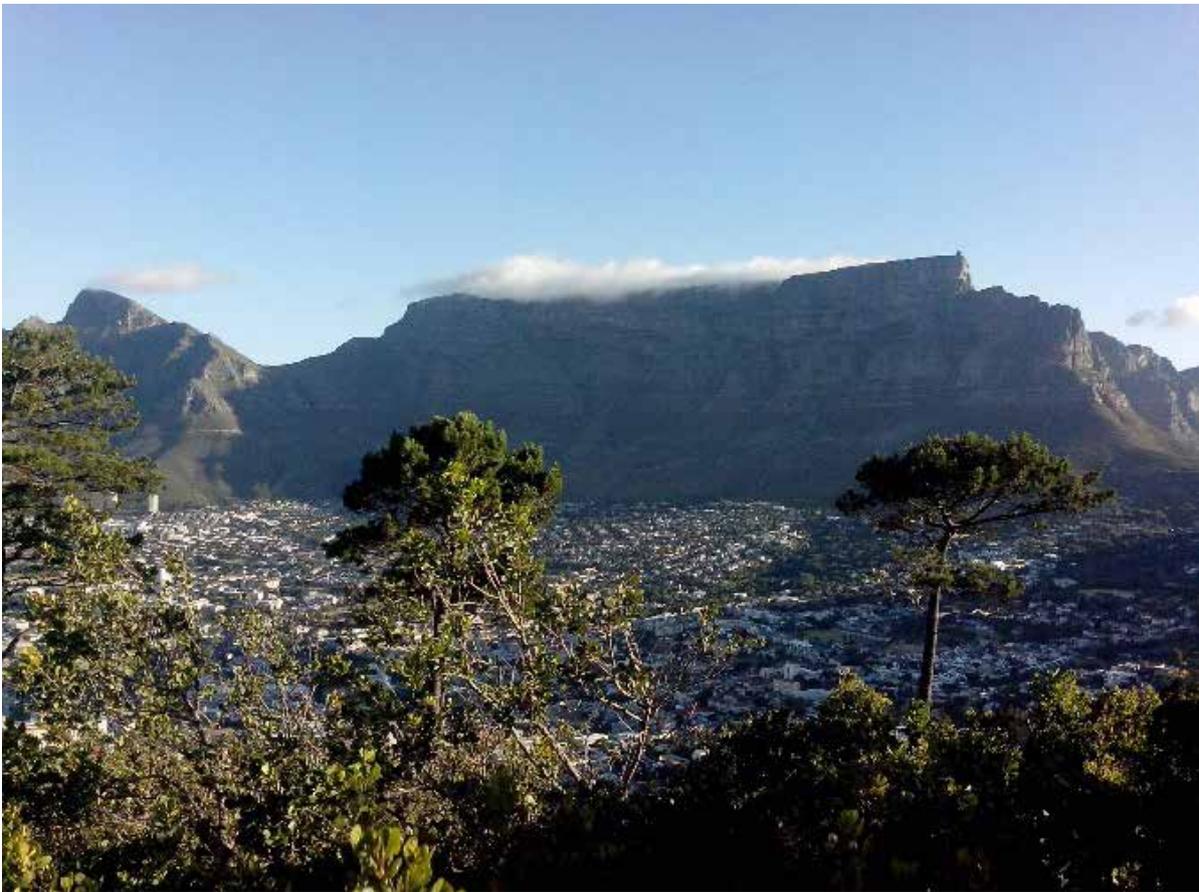


Table Mountain, Cidade do Cabo.



Camps Bay, Cidade do Cabo.

- *Aspectos associados ao holopensene.* Manter um padrão hígido e organizado de pensamentos e sentimentos exige esforço e atenção contínua. As alterações de humor eram frequentes e a mudança do padrão pensênico de ambientes é ostensiva. Manter atividade de descompressão e higiene mental é essencial para manter o humor estável e positivo.

- *Aspectos associados ao soma.* Inicialmente, o fuso horário impacta o corpo físico, é preciso dar atenção ao sono e aos horários de alimentação. A alimentação é diversificada, mas com muito tempero, estômagos e intestinos sensíveis sentem a mudança do padrão alimentar. É necessária a atenção com o padrão da alimentação, principalmente os frutos do mar, para não haver intoxicação alimentar. Os passeios e as atividades de assistência exigem muito do soma, assim, cuidar dos aspectos básicos é importante, não se esquecendo da hidratação.

- *Aspectos associados ao psicossoma.* Os vínculos afetivos que resgatei durante a viagem e o resgate de aspectos intraconscienciais adormecidos mexiam com a minha pensenidade. Passei com vários momentos de euforia íntima, pelas companhias extrafísicas, *insights* e vivências parapsíquicas. O fato de ter uma postura racional e analítica me ajudou imensamente no sentido de manter o equilíbrio e os momentos de introspecção também foram necessários. Viajar com uma amiga, respeitosa e atenta auxiliou muito na convivência.

- *Aspectos associados ao mentalsoma.* As demandas bioenergéticas e o fluxo emocional exigiam crítica, análise, acalmia, foco e ordenamento dos pensamentos. Verifiquei como os investimentos na conscienciometria, na autopesquisa, no autoconhecimento foram importantes para lidar com todo o experimento. Estudar e ler foram instrumentos importantes para promover o desassédio mentalso-mático e o equilíbrio. Conhecer as fissuras, as reações instintivas e os trafores ajudou muito!!!

- *Aspectos associados à conviviologia.* A cultura da África do Sul é colorida, multifacetada, acolhedora. A música, a alegria e a espontaneidade facilitam a inserção no ambiente. Neste sentido, o domínio do idioma inglês é fundamental para a convivência e para aprofundar o *rapport*, bem como o estudo da sociedade.

- *Aspectos bioenergéticos.* Acoplamentos, interfusões energéticas, intrusões pensênicas, telepatia, fenômenos de semipossessão, iscagem consciencial, projeções semiconscientes e conscientes, ocorreram durante as 3 fases do experimento e sobretudo, durante a viagem. Um padrão se fez presente, a necessidade de possuir o corpo, de se apropriar do soma, de sentir e comandar o meu corpo físico. O padrão consciencial mesclava o humano e o animal, a posse e a subjugação, a vontade e o medo, a coragem e a paralisia, o choro, o riso e a confusão mental.

A predisposição para a assistência me auxiliava a perceber a equipe extrafísica e a confiar no mecanismo interassistencial, eu me sentia amparada, mesmo nos momentos em que sentia medo e o primeiro ímpeto era de recuo. A intensidade com que eu me vislumbrava sob novos olhares me indicava que o canal da interassistência estava aberto e fluindo. Nestes momentos, o domínio bioenergético e a quietude íntima, o *low profile* contribuíram para a recomposição holossomática. Durante os 17 dias de viagem, a tenepes foi rica em *insights* sobre a vida pessoal e grupal inclusive dando novo direcionamento às prioridades.

Síntese da Experiência. A viagem motivada pela bibliodiáspora oportunizou o reencontro com aspectos intraconscienciais adormecidos e com consciências amigas, intra e extrafísicas. Ser consciência em evolução diuturnamente e sentir-se em casa, em outro país promove reflexão e estimula a auto-

pesquisa. Inúmeras perguntas surgiram e demandaram esforço de análise íntima. Lidar com a saudade e ao mesmo tempo dar continuidade aos trabalhos e vivências no Brasil tem exigido constância na autopesquisa e na manutenção holossomática. Alguns hábitos foram reestruturados após a viagem, sobretudo, no que diz respeito ao soma e à organização intrafísica. Nesse sentido, retomei o estudo da língua inglesa, pois ao retornar ao continente africano quero criar mais oportunidades de convívio a partir do maior domínio linguístico. Distribuir os livros, conectar ambientes universitários e “viver” a África do Sul levou à construção de um novo referencial de objetivos e prioridades. Após dois meses do retorno para Foz do Iguaçu, ainda existem vivências a serem compreendidas e a necessidade de planejar novos experimentos.

A possibilidade de ressonância na África não é mais um fator gerador de inquietude, pois foi possível vislumbrar minha conexão com o holopense do continente, mapear minimamente minhas ligações pretéritas, e identificar traços que poderão facilitar a conexão com a assistência e o trabalho no continente, e quando me perguntaram sobre quais traços gostaria de manifestar, a liderança, comunicabilidade e o senso de generosidade aparecem primeiramente.

Proposição. As vivências bioenergéticas e holossomáticas foram intensas e em escala de intensidade e complexidade superiores aos cursos de campo no Brasil e em Portugal. E com base nessa perspectiva, não indico a bibliodiáspora para os jejunos e iniciantes nas práticas bioenergéticas, nos fenômenos parapsíquicos e na autopesquisa.

A demanda por assistência é contínua e vigorosa, mas exige mínimo traquejo e habilidade de autoobservação. O aprendizado é rico e diverso, mas solicita uma boa escuta íntima e capacidade de resiliência. Planejar com antecedência e organizar detalhes do experimento são essenciais para dar segurança e otimizar os potenciais resultados. Avalio a experiência aos moldes de um curso de campo contínuo, no qual assumimos todas as tarefas.

Agradecimento. Minha gratidão a toda a equipe da Intercons, pelas orientações e acolhimento e a minha amiga e companheira de viagem, Adriana Chalita, pelo apoio e carinho incomensuráveis.

BIBLIOGRAFIA.

- ALI, A. H. **Infiel**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 496p.
BURTON, M. I. **The Black Sash: women for justice and peace**. Cape Town: Shumani Mills, 2015. 256p.
COSTA, H. **Luzes da África**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. 572p.
MATHAAI, W. **Inabalável**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007. 375p.
MBEKI, M. **Advocates for change: how to overcome Africa's challenges**. Johannesburg: Picador Africa, 2011. 297 p.

FILMOGRAFIA.

Entre Dois Amores, 1985; O Jardineiro Fiel, 2005; Hotel Rwanda, 2004; A Massai Branca, 2005; Infância Roubada, 2005; Diamante de Sangue, 2006; Minha Terra África, 2009.

Patrícia Carvalho é bióloga, mestre em Geografia e Análise Ambiental, voluntária da Conscienciologia desde 1995, atuando hoje na Associação Internacional para Pesquisa Laboratorial em Ectoplasmia e Paracirurgia (Ectolab), na Intercâmbio Conscienciológico Internacional (INTERCONS) e docente de Conscienciologia desde 1996.

ÁSIA